



Julho a Dezembro de 2022
Janeiro a Junho de 2023

CAPA e BATINA

Nº 58 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

- EDITORIAL
- TOMADA DA BASTILHA
- ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO
- CONFERÊNCIA
- TERTÚLIA / CONVERSA
- ESPAÇO DE POESIA
- ESPAÇO OPINIÃO
- ESPAÇO ABERTO
- PASSEIO DO OUTONO
- VOZ DA FILANTRÓPICA
- NOTÍCIAS



PÁG.

03	EDITORIAL
04	TOMADA DA BASTILHA
08	ANIVERSARIO DA ASSOCIAÇÃO
09	CONFERÊNCIAS
11	TERTÚLIAS/CONVERSA
15	IN MEMORIAM
16	ESPAÇO POESIA
17	ESPAÇO OPINIÃO
20	ESPAÇO ABERTO
22	OS NOSSOS PASSEIOS - CÁ DENTRO
25	A VOZ DA FILANTRÓPICA
26	NOTÍCIAS BREVES

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível. A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet: www.aaec-lisboa.com

Por contenção de despesas, este boletim contempla o 2º semestre de 2022 e o 1º semestre de 2023, sem rigor na ordem cronológica.

Por Eliana Gersão
Associação dos Antigos Estudante de Coimbra em Lisboa
Casino do Estoril, 26 Novembro 2022.

Costuma dizer-se, a propósito das cerimónias de homenagem ou, como esta, de lembrança, que nunca se devem pedir, não se devem recusar e se devem agradecer.

As minhas palavras são portanto de agradecimento.

Agradecimento às cinco Associações de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra que promoveram esta “evocação” tão significativa (Algarve, Braga, Coimbra, Lisboa e Porto), pela sua iniciativa e pela placa evocativa que a irá perpetuar.

Agradecimento ao Artur Santos Silva que, com tanta mestria, soube encontrar palavras certas, generosas e amigas para lembrar o meu marido, bem como ao Coro dos Antigos Orfeonistas da UC e aos dirigentes da AAC que se quiseram associar a este momento de recordação.

Uma palavra especial de agradecimento ao vice-reitor João Nuno Calvão da Silva, pela sua presença e pelas palavras tão significativas e afetuosas com que evocou o meu marido e a nossa família.

Quando o Rui fez 88 anos, o jornal “As Beiras” publicou uma sua entrevista e deu-lhe como título “88 anos e uma vida dedicada à Universidade de Coimbra”.

Creio que o meu marido teve efetivamente uma vida dedicada à Universidade de Coimbra. É certo que, ao longo da vida, exerceu vários cargos e funções, alguns de grande relevo e complexidade, prestou colaboração a muitas entidades, interveio em muitas

iniciativas e realizações. Mas foi acima de tudo professor da Faculdade de Direito e, durante quase 17 anos, reitor da Universidade.

Creio que foi sobretudo professor. Era sempre essa a profissão que invocava. Deu aulas durante mais de 40 anos. Continuou a dar aulas depois de ser reitor, quando já não era legalmente obrigado a fazê-lo.

Gostava de ensinar e interessava-se pelos alunos. Recordava sempre os antigos alunos. Gostava quando o vinham cumprimentar, em encontros casuais. Quando algum antigo aluno atingia uma especial notoriedade profissional – e o Artur Santos Silva foi, sem dúvida, um dos ex-alunos de que mais se orgulhava – comentava com satisfação: “Foi meu aluno”.

Enquanto reitor, entendia que lhe cabiam sobretudo as decisões de política universitária e o engrandecimento e a projeção e dignificação da universidade e não apenas as questões de gestão quotidiana.

Levava muito a sério o relacionamento com os estudantes, muito especialmente com a direção-geral da AAC, recusando-se sempre a menorizar ou infantilizar os estudantes. Quando achava que as suas pretensões eram justas, apoiava-os, inclusivamente junto dos decisores políticos, mesmo quando isso lhe trazia dissabores. Quando, em momentos mais conturbados, não conseguia chegar a uma posição de consenso com a direção-geral, ficava um tanto desapontado. Mas nunca houve situações de animo-

sidade. A distinção de sócio honorário da AAC que lhe foi atribuída era a que invocava com maior orgulho, entre as muitas que recebeu.

O Rui não tinha grande simpatia pela “praxe” estudantil, que considerava em muitos aspetos anacrónica e abusiva. Mas aceitava a grande tradição universitária e tentava preservá-la. Achava que o passado da Universidade de Coimbra contribuía para a sua imagem e projeção e lhe conferia um lugar específico no panorama universitário. Entendia que no nome “Universidade de Coimbra” cabem todos aqueles e aquelas que por ela passaram. Apoiava as realizações que preservassem a ligação à universidade dos seus antigos alunos. Apoiou sempre as associações de antigos estudantes, como apoiou também, por exemplo, o Coro dos Antigos Orfeonistas. Enquanto foi reitor, nunca deixou de corresponder ao convite da Fátima Lencastre – que hoje merece uma palavra especial de agradecimento – para estar presente na comemoração neste casino da “Tomada da Bastilha”.

No que estava ao seu alcance, o Rui tentou contribuir para um mundo melhor – que não fosse, como costumava dizer, “um mundo de todos contra todos”. E por isso viveu, creio eu, em paz com os outros e com a vida. É essa memória que eu queria acrescentar a esta “evocação”, a par com um sentimento de gratidão aos que a concretizaram ou a ela se quiseram associar. Muito obrigada a todos. Bem hajam.

102ª COMEMORAÇÃO DA TOMADA DA BASTILHA

A 102ª Comemoração da Tomada da Bastilha foi organizada pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (A.A.E.C.L.). Realizou-se no Casino do Estoril, no dia 26 de novembro de 2022. Um reencontro presencial dos antigos estudantes afastados pela pandemia Covid-19 que inviabilizou diversas realizações académicas nos últimos anos; mas agora contou com a presença do Vice-Reitor, Prof. Doutor João Nuno Calvão da Silva, e da sua equipa da Reitoria da Universidade de Coimbra, num total de 222 participantes.

Após o jantar no Salão Preto e Prata, precedido do *Coimbra D'Honra* no hall, Fátima Lencastre, na sua qualidade de presidente da Direcção da A.A.E.C.L. - acompanhada pelo Vice-Reitor e pelos presidentes da Mesa da Assembleia-Geral e do Conselho Fiscal da Associação, Ricardo Roque e José Manuel Costa - deu início ao SHOW NOSSO, a apresentar por Luísa Alexandra Gonçalves e José Viegas.



Saúdou todos os convidados e participantes, agradecendo vivamente o apoio da Reitoria da Universidade de Coimbra, os patrocínios (*Casino Estoril, Germano de Sousa, Tintas Dyrup e Ribeiro Santo*), os donativos especiais (e anónimos) de alguns dos nossos Associados, a cortesia da Administração do Casino (realce para

a sempre "coimbrã" Susana Roxo) e as atenções dos seus colaboradores; e salientou a dedicação e solidariedade dos intervenientes, a quem chamou "credores de um débito do coração".

Seguidamente, o Vice-Reitor dissertou sobre as Relações Externas e *Alumni* que constituem o seu pelouro tutelar.

O SHOW NOSSO abriu com a actuação do:

Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra



Apresentou várias peças conhecidas que foram muito aplaudidas, associou-se à evocação de Rui Alarcão, dedicando-lhe algumas dessas peças, e concluiu a sua

participação com a chamada ao palco de todos os antigos orfeonistas presentes para cantarem o AMEN.

Constituído por antigos estudantes da

Universidade de Coimbra, foi criado com o intuito de promover e difundir o gosto pela arte musical/coral, fomentar iniciativas de carácter filantrópico, prestando a sua colaboração a instituições de reconhecido interesse humanista/social, e fazer reviver os Ideais de Fraternidade, de Tolerância e de Solidariedade que, ao longo de gerações, marcaram a Academia de Coimbra.

Recebeu honrosas distinções – graus, taças, medalhas – e até o Papa João Paulo II o elogiou da seguinte forma: "*Dos anjos diz-se que cantam no Céu. Nós andamos a ensaiar na Terra para cantar um dia com eles no Céu. Mas um pouco do Céu já se ouve quando vós cantais*".



Seguiu-se a:

Evocação *In Memoriam* de Rui de Alarcão , Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra de 1982 a 1998

Esta evocação foi organizada em 2020 pelas Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga, Henrique Santos, no Porto, Amaro Correia, em Coimbra, Jorge Castilho, em Lisboa, Fátima Lencastre, e no Algarve, Francisco St Aubyn, mas ficou suspensa por força do Covid-19. Retomada agora a iniciativa, materializou-se numa placa evocativa assinada por todas as Associações e entregue à Viúva, Dr^a. Eliana Gersão, pelo Presidente da Associação de Coimbra. Foi verbalizada por José Carlos de Vasconcelos (mandado pelo autor, ausente por motivo de doença), que leu:

Rui de Alarcão

“O Professor Rui de Alarcão muito marcou todos os seus alunos, em duas cadeiras nucleares do curso – Teoria Geral do Direito Civil e Direito das Obrigações. Começou a sua carreira académica como assistente de Manuel de Andrade, para muitos o vulto maior do ensino e investigação em Direito no século XX e que veio a falecer no final de 1958.

Rui de Alarcão foi então, desafiado a reger a cadeira de Teoria Geral do Direito Civil, na qualidade de Professor convidado de 1959 a 1971, ano em que se doutorou. O meu curso (1958-1963), foi o segundo no ano letivo de 1959-1960 que beneficiou já, quer do seu notável talento pedagógico, quer da relação próxima e natural que mantinha com os alunos. A matéria era complexa, mas ao lecionar aulas teóricas e práticas veio a ser dos professores que mais me influenciou ao me interessar numa área do Direito que foi de grande utilidade para toda a minha carreira profissional e que se situou longe da de jurista.

Casou já na “casa” dos 40, com a minha querida colega Eliana Gersão, cuja jo-

vidade sempre muito nos contagiou. Foi uma das mais dotadas alunas do nosso curso e até conseguiu fazer sorrir o Professor Pires de Lima no seu exame oral de Introdução ao Estudo do Direito, cadeira cuja alta classificação muito nos viria a facilitar o nosso percurso...

Quando conclui o curso de Direito fui convidado para assistente pelo Doutor Teixeira Ribeiro e passei a conviver com muitos dos elementos do corpo docente, sendo prática habitual preparar as aulas e fazer investigação no espaço que nos estava atribuído no Instituto Jurídico, em regra partilhado com outros colegas.

Era frequente, a meio da tarde, um grupo de “geometria variável” reunir à hora do chá, no bar da Faculdade de Letras. Aí convivi com pessoas de eleição, alguns dos quais ficaram amigos para sempre, tais como, além de Rui de Alarcão, entre outros, Mota Pinto, Pereira Coelho, Figueiredo Dias, Castanheira Neves, Orlando de Carvalho, Rogério Soares, Xavier Basto, José Manuel Beleza, Barbosa de Melo, Cardoso da Costa. Sublinho, naturalmente, em Rui de Alarcão, o seu fino sentido de humor, os diversificados interesses culturais, as posições claras que tomava sobre assuntos mais sensíveis, a sua dimensão humana e afetiva.

Se Rui de Alarcão foi um professor de excelência, assumiu a maior notoriedade como Reitor da Universidade de Coimbra, a ele se devendo o grande salto dado na modernização e reforço das suas instalações, com a concretização do Polo II e o arranque do Polo III. Igualmente foi num dos seus mandatos que foi lançando o Instituto Pedro Nunes, incubadora que muito contribuiu para o arranque de “start-ups” inovadoras de grande sucesso. Do mesmo modo, a

internacionalização da Universidade de Coimbra esteve entre as suas prioridades e muito se aprofundou com o seu impulso.

Devo, ainda, destacar a apreciável melhoria dos Serviços de Ação Social de que muito veio a beneficiar a Comunidade Académica.

Os seus mandatos iniciaram-se em 1982 e prolongaram-se até 1998, isto é, dezasseis anos, sendo este o período mais longo sob a égide de um mesmo Reitor, após abril de 1974.

Rui de Alarcão sempre se afirmou da forma mais positiva nas causas de cidadania, procurando contribuir para um Portugal mais livre, mais justo e mais moderno.

E foi como grande Senador que assumiu funções no Conselho de Estado, ou como Chanceler das Ordens Honoríficas, na Comissão Constitucional, na Comissão de Elaboração e Revisão do Código Civil, no Conselho Nacional do Ensino Superior. Foi Doutor “Honoris Causa” em várias universidades estrangeiras. Foi distinguido com as Grande Cruz da Ordem de Sant'Iago de Espada, da Ordem Militar de Cristo e da Ordem do Infante D. Henrique. Também, como não podia deixar de ser, foi-lhe atribuída a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra.

Rui de Alarcão foi um grande professor, valorizou e influenciou como poucos a política e a ação da Universidade, veio a servir o País nos desafios mais exigentes e prestigiantes.

É, pois, hoje, e uma vez mais, homenageado um dos nossos melhores! Ainda bem!

Artur Santos Silva

26.11.2022

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

Lido pelo Dr. José Carlos Vasconcelos”

“Rui de Alarcão por João Nuno Calvão da Silva

Rui de Alarcão: nome incontornável da História da Universidade de Coimbra e de Portugal. Felicito vivamente a A.A.E.C.L. e, em particular, a Fátima Lencastre, pela homenagem que promovem e a que a Reitoria não podia deixar de se associar. Enquanto Vice-Reitor e também pessoalmente, sinto enorme honra e alegria por me solicitarem a redação de breves palavras sobre tão distinta e inspiradora personalidade.

Homem de Família

Rui de Alarcão era um marido apaixonado, um Pai extremoso e um Avô querido. Ele sabia bem distinguir o essencial do acessório: a Eliana e a Catarina eram os pilares da sua vida, a razão de ser de tudo a que se entregava. Amigo do seu Amigo...como bem pude testemunhar. Rui de Alarcão acompanhava e apoiava com genuína preocupação os Amigos, ele sofria mesmo de forma involuntária pela sua família por afeto.



Universitário insigne

A carreira universitária era a verdadeira vocação de Rui de Alarcão e a dimensão mais saliente do seu percurso profissional: professor Catedrático da Faculdade de Direito (da U.C.) considerado pelos pares, admirado por gerações de alunos e prestigiado por esse mundo fora como cultor do Direito Privado.

Reitor marcante

Rui de Alarcão mostrou como um gestor universitário de topo não deve cingir-se ao papel de administrador, mas, fundamentalmente, deve cultivar a diplomacia e a política (no melhor sentido do termo) no exercício da liderança. Daí um Reitorado marcante, um Reitor *Magnífico*.

Cidadão exemplar

Cidadão comprometido com a causa pública no geral (e não apenas na missão de ensino ou na Reitoria), Rui de Alarcão desenvolveu atividade cívica intensa e diversificada. Não podemos deixar de destacar as tarefas desempenhadas na nossa Briososa...uma das enormes paixões do nosso homenageado. Desafiado para outros voos (políticos), Rui de Alarcão preferiu sempre a proximidade com a sua Faculdade, a sua Universidade, a sua Coimbra, a sua família. Rui de Alarcão: um verdadeiro Mestre, nome maior da U.C.. Exemplo que nunca esqueceremos!"

Seguiram-se as:



Investidura do Vice-Reitor da Universidade de Coimbra como Sócio Honorário da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra

Jorge Castilho, presidente da Direcção da A.A.E.C. em Coimbra, entregou o diploma de Sócio Honorário ao Prof. Doutor João Nuno Calvão da Silva, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, atribuído pela sua Associação em 2020 para distinguir a atenção por ele dispensada aos assuntos relativos aos antigos estudantes, mas suspenso devido ao apa-

recimento da pandemia, que obrigou a cancelar o espectáculo no Teatro de Gil Vicente, em que estava programada a entrega daquele diploma.

Investidura dos últimos ex-presidentes da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra como novos Sócios Honorários da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa

Ricardo Roque, presidente da Mesa da Assembleia-Geral da AAACL - acom-

panhado pelos Sócios Honorários presentes e pelos dirigentes da Associação Académica de Coimbra: da Direcção-Geral, João Caseiro, e da Assembleia-Magna, Daniel Tadeu – investiu como novos Sócios Honorários da AAACL:

- **Daniel Conceição Azenha.** presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra - mandato 2018/2020.
- **João Ramos Assunção.** presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra - mandato 2020/2021.

No momento de POESIA

Aurelino Costa



Encheu o palco com a sua voz e presença, muito bem acompanhado musicalmente pelo grupo Serenata ao Luar. Uma excelente participação a fazer lembrar outras comemorações da Tomada da Bastilha ou os Saraus Académicos das Queimas das Fitas em que também participou.

Aurelino Costa - Nasceu em Argivai, Póvoa de Varzim / 1956.

Poeta e *diseur*, é licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Autor de variadas Obras como: *Poesia Solar*, ed. Orpheu. Lisboa, 92; *Na Raiz do Tempo*, ed. Tema. Dep. Literário da Soc. Guilherme Cossoul, Lisboa, 2000, *Pitões das Júnias*, ed. Fluviais/Lisboa & Galeria Arcana, Pontevedra, 2002; *Amónio*, ed. Do Buraco. Dep. Literário da Soc. Guilherme Cossoul. Lisboa, 2003, 2ª edição (bilingue, castelhano-português) tradução de Sílvia Zaias, ed. Amalaia, Léon, 2006; *Na Terra de Genoveva*, ed. do Buraco. Dep. Lit. da Soc. Guilherme Cossoul. Lisboa, 05. Antologias: *A Poesia é Tudo*, ed. Francisco Guedes, 2004; *Na Liberdade – 30 anos – 25 Abril*, Garça Editores, Lda., Peso da Régua, 2004; *Vento – Sombra de Vozes / Viento – Sombra de Vocês*, Ant. Ibérica de Poesia, 2004; *Son de Poesia* ed. Fluviais, Lisboa & Livraria Couceiro, Galiza, 2005; *Os Dias da Criação*, ed. Leader/Adrat, Trás-os-Montes, 2006; *Canto de Mar*/poesia sobre a Nazaré, ed. Bibl. CM da Nazaré, 2005; *Cântico em Honra de Miguel Torga*, Coimbra Editora, 2007.

Discografias: *Na Voz do Regresso*, ed. Comemorativa do Centenário de Nascimento de José Régio, ed. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, com o Maestro António Victorino D'Almeida,

2001; *Confluência CD – Áudio*, ed. Asa, 2002; *Torga na Portagem*, ed. comemorativa do centenário de nascimento do poeta/Coimbra, com António Victorino D'Almeida.

Colaboração/narração em "Miguel Cervantes & las Músicas del Quixote", com Hespérion XXI, sob a direcção de Jordi Savall, 2006; colaboração/diseur em recital "Música e Poesia", com António Saiote (clarinete) e Iwona Saiote (flauta); participação/diseur nos filmes *Olhar Coimbra* e *Olhar o mar*, Produções da Didacthèque de Bayone, com apoio da Comunidade Europeia (programa língua). 1993/1995.

Cinema: actor em *Netto e o domador de cavalos*, de Tabajara Ruas, Rio Grande do Sul- Brasil. Televisão: colaboração nas séries "Pianissimo", 2006, e "Sons do Tempo", 2007, RTP1, de António Victorino D'Almeida.

A Associação Académica de Coimbra tem sido, há décadas, o parceiro mais cooperante em todas as Comemorações da Tomada da Bastilha, manifestando a sua adesão sem reservas ao espírito que as enforma. Neste ano, a representação da academia coube ao:

Grupo de Cordas da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra

A presença deste grupo académico, muito dinâmico e alegre, com ênfase na música tradicional, principalmente portuguesa, foi muito aplaudida. O convite à dança teve a participação de vários pares e originou ainda um "comboio" a percorrer o salão ...

Grupo de Cordas da Secção de Fados da A.A.C.:

Ariana Rodrigues, João Martins, Constança Peixoto, Rafael Loureiro, Guilherme Costa e Gonçalo Ferreira (pela ordem de disposição no palco).



É uma esperança para o futuro, com as suas excelência de execução e incondicional disponibilidade o nosso:

Grupo de Fados Serenata ao Luar

A Serenata de Coimbra foi tocada e cantada pelos elementos do grupo Serenata ao Luar que, com o sucesso habitual, encerraram a 102ª Comemoração da Tomada da Bastilha.



Composição do grupo Serenata ao Luar:

Violas: Luís Martins e Manuel Pera

Guitarras: Nuno Cadete e António Sousa Mendes

Vozes: Nuno Lages, Alberto Silva e Matos Silva

No final – e com todos os intervenientes no palco – entoou a **Balada da Despedida**

OS ENCONTROS REALIZADOS E DESPEDIDAS QUE ENVOLVEM GERAÇÕES FIZERAM ECOAR A SAUDADE E APONTARAM NOVOS ENCONTROS PARA 2023!

F.R.A. !



CELEBRAÇÃO DO 31º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO



Retomámos o mesmo Sana Metropolitan Hotel pelas condições favoráveis de preço, qualidade e variedade de menu e cedência de materiais de apoio para o habitual **Sarau**.

Ocorreu no dia 11 de Março com 109 participantes, em ambiente de CONVÍVIO DE GERAÇÕES que tanto vimos promovendo.

Este desígnio teve expoente máximo na actuação dos "mais jovens" que, mais ou menos espontaneamente, compuseram uma "**dança de jovens**" anunciada no programa do Sarau. Neste, também foram cumpridos (e com muitos aplausos) a actuação sempre esperada do nosso

Grupo Coral Ad-Hoc; o momento de **poesia** por Carlos de Almeida Santos e José Veloso (em substituição de Maria José Bravo, impedida por doença); o "inesperado" bulício dos **Madre Christo**; e, como estreia entre nós (por sugestão do Tito Costa Santos) a **Serenata de Coimbra** pelo Grupo "*Guitarra e Canto de Coimbra*", de Santarém, cuja a apresentação aqui fica registada.

"A tradição do Fado de Coimbra em Santarém remonta às primeiras décadas do século XX, vivida por sucessivas gerações de estudantes do Liceu Sá da Bandeira, incentivadas pelo espírito

Coimbrão. O grupo nasceu em Julho de 1985 no Centro Cultural e Regional de Santarém; actua em espectáculos por todo o país, retomando a Serenata tradicional dos estudantes de Santarém; e, a partir de 1986, teve consigo os mais brilhantes grupos e os maiores nomes do canto e da guitarra de Coimbra.

É composto por:

vozes – *Vitor Casimiro e Raul Melo Santos*

guitarras – *João Luís Madeira Lopes e Francisco Madeira Lopes*

violões – *Elias Rodrigues e Jacinto Fernandes*"



O MUNDO INFESTADO DE DEMÓNIOS OU A ACTUALIDADE DE CARL SAGAN

Por Prof. Doutor Carlos Fiolhais – Professor Catedrático, Jubilado, de Física da Universidade de Coimbra

Em parceria com o Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça, tivemos o privilégio de usufruir, em conferência com 50 ouvintes, da cultura e poder de comunicação do Prof. Doutor Carlos Fiolhais, que, a seguir, nos ofereceu para registo este texto de excelência

“O astrofísico e comunicador de ciência norte-americano Carl Sagan (1934-1996), no seu livro *O Mundo Infestado de Demónios. A ciência como uma luz na escuridão* (Sagan, 4.ª ed., 2012), publicado originalmente em 1995 (foi o seu último livro publicado em vida e, portanto, uma espécie de testamento intelectual), deixou, no Cap. 2, «Ciência e esperança», uma profecia que, infelizmente, se está a cumprir neste século (idem, p. 47):

«Criámos uma civilização global em que os elementos fundamentais – os transportes, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a medicina, a educação, as diversões, a protecção do meio ambiente e até a instituição democrática fundamental das eleições – dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também dispusemos as coisas de forma que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. Isto é uma receita para a catástrofe. Podemos continuar durante algum tempo, mas, mais cedo ou mais tarde, essa mistura combustível de ignorância e poder vai rebentar-nos nas mãos.»

De facto, não foram mais do que manifestações dessa explosão os resultados das eleições para a presidência dos Estados Unidos de Donald Trump em 2017 e à presidência do Brasil de Jair Bolsonaro em 2019. Os dois, cada um à sua maneira, mostraram o efeito



devastador que pode ter a mistura entre ignorância e poder. O investimento público em ciência diminuiu tanto nos Estados Unidos como no Brasil. Mas, pior do que isso, os dois lideraram políticas públicas que ignoraram a ciência, prejudicando as respectivas populações. Exemplos foram a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris de 2015 sobre alterações climáticas (para Trump as alterações climáticas não eram mais do que «um embuste criado pelos chineses para prejudicar a economia americana»; Fiolhais & Marçal, 2018) e a continuada desflorestação da Amazônia, no Brasil. Tendo os seus mandatos coincidido com a pandemia da covid-19, foi visível num caso e noutro, a amplificação de desinformação sobre o vírus e a doença (Marçal & Fiolhais, 2020): Trump disse que era «como uma gripe» ao passo que Bolsonaro declarou que era só uma «gripezinha» à qual os brasileiros seriam

imunes. Trump sugeriu métodos perigosos para o seu tratamento, como injetar desinfetante. Os dois não favoreceram a vacinação em larga escala. O caso da vacinação no Brasil foi confrangedor, uma vez que não foram facultados lotes de vacinas existentes, não faltando quem fale em genocídio. Na prática, revelaram-se negacionistas do perigo da covid-19 e cépticos das vacinas.

Sagan fala da influência da ciência e tecnologia na instituição das eleições (e tanto no Brasil como no Brasil se usam processos de votação electrónica, que no Brasil são exclusivos). Mas, sendo difícil ou mesmo impossível manipular os resultados registados em máquinas, já tem sido fácil o uso de redes sociais para manipular eleitores através de campanhas bem dirigidas. Ficou famoso o escândalo da empresa britânica Cambridge Analytica, que fechou operações em 2018, depois de se ter sido sa-

bido que se tinham apoderado de dados do Facebook para campanhas políticas, incluindo a campanha que deu por pequena margem a vitória a Trump.

Na sequência do citado excerto de Sagan, ele explica a origem da metáfora da vela para referir o papel da ciência: foi retirada do livro *Uma luz na escuridão*, do inglês Thomas Ady, de 165, num tempo de caça às bruxas. E adverte para as fragilidades da ciência: «A luz da vela é tremula. A pequena mancha luminosa que projeta vacila. A escuridão adensa-se. Os demónios começam a agitar-se.» A metáfora da vela invoca o poema «Uma pequenina luz» de Jorge de Sena (Sena, 2015): «Uma pequenina luz bruxuleante / não na distância brilhando no extremo da estrada / aqui no meio de nós e a multidão em volta (...) Tudo é incerto ou falso ou violento: brilha. (...)»

Foi, de facto uma notável premonição. Hoje vivemos no tempo das notícias falsas e das verdades alternativas, convenientemente espalhadas por uma multidão de prosélitos da mentira pelos canais que a própria ciência criou. É como se o feitiço se tivesse virado contra o feiticeiro. O que há a fazer? Sagan aponta o caminho com clareza. Valorizar a ciência, reforçar a cultura científica. Mais do que colocar a ênfase, como tem sido feito predominantemente até agora, nos conhecimentos que a ciência produz, é preciso transmitir o espírito da ciência, consubstanciado no método científico – a cadeia hipótese–ob-

servação–experimentação (quando aplicável)–raciocínio lógico–conclusões submetidas à crítica da comunidade científica. Sagan, adoptando a filosofia popperiana, chama a atenção para a faculdade que a ciência oferece de descartar erros: Mais do que noutras actividades humanas, em ciência aprendemos com os nossos erros, eliminando-os progressivamente, embora sem nunca chegarmos a uma verdade absoluta ou definitiva. Escreveu Sagan (Sagan 2012, p. 50):

«Os seres humanos podem ansiar por certezas absolutas e aspirar a elas; podem pretender, como os adeptos de certas religiões, tê-las atingido. Porém, a história da ciência – de longe a pretensão de conhecimento, mas vem sucedido acessível ao homem – ensina. Os que o máximo que podemos esperar são melhoramentos sucessivos da nossa compreensão, a aprendizagem com os nossos erros, uma abordagem assintótica do universo, mas com a limitação de sabermos que a certeza absoluta nos escapará sempre.»

A pergunta coloca-se: Fará sentido um defensor da ciência discutir com os inimigos da ciência, com quem nega a ciência? Sagan valoriza, sem qualquer dúvida, a discussão e o confronto de opiniões diversas, mas realça sobretudo o raciocínio lógico, uma capacidade humana que tem um papel central no método científico, mas cujo uso está longe de se restringir à ciência. Mais adiante no seu livro Sagan

(no Cap. 12, «A arte de detectar disparates», Sagan, 201, p. 257) apresenta um «kit para detectar disparates», que mais não é um do que um manual básico para evitar erros de raciocínio). Não querendo fazer regra geral, a minha experiência indica que não vale a pena convencer quem já está convencido e não reconhece quaisquer erros. Nunca se viu um defensor da terra plana declarar-se, após a apresentação de provas, que reconhece que o planeta, afinal, é redondo.

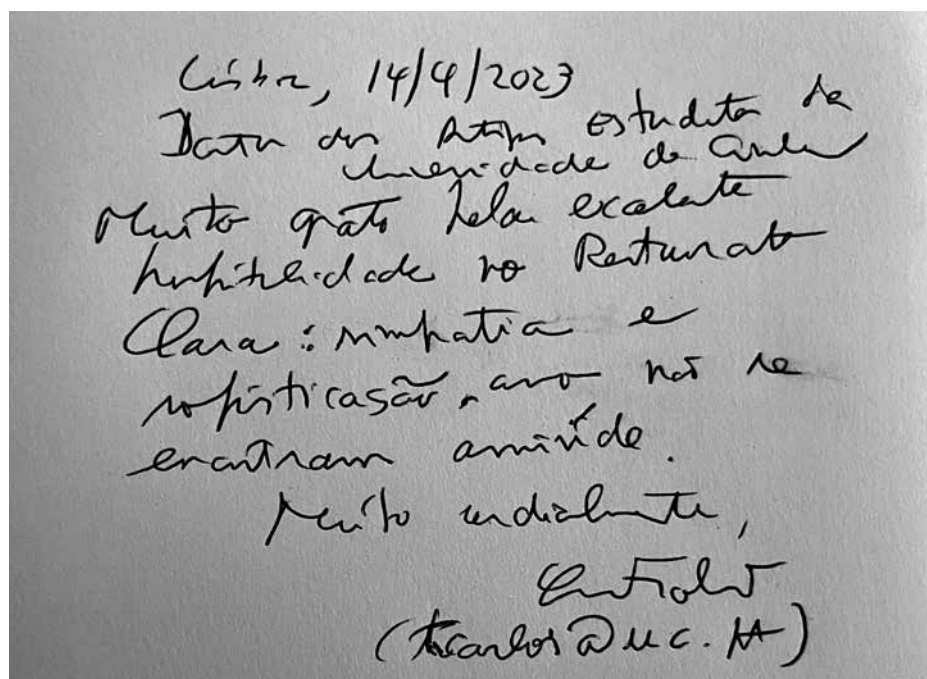
Sagan também escreve, na mesma obra sobre a relação entre ciência e democracia, que Karl Popper tinha apontado (o mau governo pode ser descartado, tal como um erro científico: exemplos são as falhadas reeleições de Trump e Bolsonaro, respectivamente em 2020 e em 2022). Vale a pena escutá-lo, porque a sua mensagem não perdeu actualidade (Sagan, 2012, p. 63):

«A ciência alimenta-se da livre troca de ideias e, a bem dizer, exige-a; os seus valores são a antítese do secretismo. A ciência não está ligada a posições vantajosas ou privilegiadas, e em conjunto com a democracia encoraja opiniões não convencionais e debates vigorosos: Ambas requerem um raciocínio adequado, uma argumentação coerente, padrões de prova e honestidade rigorosas, A ciência é uma maneira de desmascarar aqueles que se limitam a simular o conhecimento.»

Numa sociedade onde o relativismo é galopante e o erro está onipresnte, temos, através da escola em todos os níveis e dos meios de comunicação social de todos os tipos, de fazer brilhar a luz da ciência, por muito pequena que seja ou pareça. Parafrazeando Sena: «Tudo é incerto ou falso ou violento». Mas ela brilha!

Referências:

Fiolhais, Carlos Et Marçal, David (2018). *A Ciência e os seus Inimigos*. Lisboa: Gradiva, 2017. [1.ª ed., 2017]
 Marçal, David Et Fiolhais, Carlos (2020). *Apanhados pelo Vírus: factos e mitos sobre a COVID-19*. Lisboa: Gradiva
 Sagan, Carl (2012). *O Mundo Infestado de Demónios. A ciência como uma luz na escuridão*. Lisboa: Gradiva [1.ª ed., 1997].
 Sena, Jorge de (2015). *Poesia II: Lisboa: Guimarães*.
 Por Carlos Fiolhais* *Centro de Física da Universidade de Coimbra (tcarlos@uc.pt)“





1 – RELEMBRANDO O TEIXEIRA

Por Zé Veloso

Personagem quase mitológica da Coimbra Académica do século passado, o Teixeira foi uma das figuras recordadas na Tertúlia *Mitos & "DesMitos" da Coimbra Académica de Antanho (Parte II)*, a primeira que teve lugar na AAECCL depois do Covid-19.



Rés-do-chão onde o Teixeira engraxava nos anos 40

Figura bizarra, fisicamente distorcida, intelectualmente limitada, um misto de homem e criança, conheci-o na década de 50, era eu bicho no Liceu D. João III, hoje Escola Secundária José Falcão. Nessa altura ele engraxava numa barbearia que ficava no início da Rua Tenente Valadim, à direita de quem sobe. O corte de cabelo ficava em 4\$00, mais 5 tostões de gorjeta e outro tanto para o Teixeira engraxar; com 5 mil reis estava a festa feita.

O Teixeira andaria nessa altura na casa dos 30 anos, mas a sua figura só muito lentamente se foi modificando com o decorrer do tempo. É que o tempo ia passando, mas o Teixeira não. E as gerações de estudantes envelheciam à sua frente, renovando-se por completo de cinco em cinco anos, enquanto o Teixeira por lá se mantinha naquela abençoada Coimbra sem que o tempo por ele passasse, não fora a progressiva degradação da visão lhe ir toldando a forma como nos via, enquanto a

memória que dele guardávamos cada vez mais nítida permanecia.

Estou a vê-lo agora na barbearia! De fato-macaco azul, sentado à minha frente na caixa de engraxador, por certo em segunda ou terceira mão e com a madeira surrada do castanho e preto da graxa. Cabelo farto, de poupa à Elvis, barba de uma semana – santos de casa não fazem milagres... – cigarro encharcado ao canto da boca – *Provisórios? Definitivos? 20-20-20?* Talvez *Kentucky*, que a cigarro dado não se olha a marca... – uma perna encolhida, outra estendida na minha direcção. Penso que nessa altura não usava ainda sapatilhas.

Ao que me lembre, era um pouco trapalhão na sua arte: punha a graxa com os dedos, deixava que a dita lambesse as meias do cliente e julgou que, de quando em vez, cuspiam no pano para melhor fazer correr o lustro. Olhar ausente, resmungava as últimas da Académica nos raros intervalos que o barbeiro deixava para intervenções alheias. Às vezes zarpava da barbearia sem aviso, para exaspero do Sô António, o qual acumulava as funções de barbeiro com as de patrão e contava com o Teixeira para combater a concorrência da barbearia da porta mesmo abaixo, onde o Sô Carlos lhe disputava a clientela.

O Teixeira deve ter começado a trabalhar cedo, talvez ainda garoto, como era frequente no meio social de onde provinha e, ainda por cima, sendo órfão. De concreto, apenas se sabe que nos anos 40 engraxava no Pirata, a célebre Leitaria Académica da Velha Alta já desaparecida, onde se podia comer e beber fiado um ano inteiro, e alguns se gabavam de terem pago a conta apenas depois de formados e já a trabalhar.



O Teixeira, ainda novo

Mas o Teixeira não dava a sensação de ter um gosto especial pela profissão de engraxador, o que só lhe creditava sabedoria. Do que ele gostava mesmo era de andar com a estudantada! Ir nas latadas, saltar para a arena na garraizada, posar em tudo o que fosse fotografia de curso, rasganço ou cortejo da Queima, viver da crava pelas Repúblicas e cafés, ir com a equipa de futebol da Académica por esse país fora, conviver de igual para igual com aqueles que ele entendia serem os da sua classe – os estudantes!



O Teixeira no meio da estudantada

E a malta, que na sua irreverência juvenil é tantas vezes cruel para com as figuras bizarras da sociedade, a malta brincava com ele, mas não o gozava ou, se o fazia, era com o carinho com que se trata um irmão mais novo. Alguém me contou que o Teixeira sabia dois poemas de cor e os recitava (à sua maneira...), a pedido e em cima de um banco; mas só o fazia depois de se certificar de que não andassem futricas por perto. Afinal, ele viria um dia a ser proclamado "Quartanista de Medicina *honoris causa*" e tratava os caloiros por tu. Brincar com a família, sim! Mas nunca na presença de estranhos...

E a família arranjou-lhe uma profissão mais digna do que a de engraxador, promovendo-o a ardina, profissão que ele exercia com evidente gosto e requinte, apregoando pelas ruas de Coimbra, com a sua voz roufenha, *O Ponney*, a *Via Latina* e outros títulos, com pregões criativos e bem-humorados.



O Teixeira ardina

E tratava-o o melhor que podia. Tratou-lhe da cegueira, que esteve iminente, levando-o aos melhores médicos. Dava-lhe abrigo – primeiro, num dos torreões (antigas bilheteiras) do Campo de Santa Cruz, tendo o Zé Freixo e o Belmiro por anfitriões; e, a partir de 1966, numa pequena casa (quarto e casa de banho) que a Comissão Administrativa da AAC de então lhe construiu nos terrenos do Campo de Santa Cruz. Dava-lhe de comer e beber, nas Repúblicas e cantinas, dava-lhe cigarros, sentava-o à mesa do café, apapricava-o, atuava-lhe a pedinchice – na qual era viciado – e as impertinências e tiques de "avozinho" rabugento, que aos poucos foi ganhando... e até tinha lugar cativo no autocarro da Briosal!



O Teixeira no Pigalle

É curioso notar que esse estatuto de "avozinho" a quem tudo se atura e se desculpa, estatuto que o Teixeira foi adquirindo e do qual, já mais velho, fazia gala junto dos caloiros, é mérito inteiramente seu e contrasta em absoluto com a imagem que nos chega do Teixeira dos anos 40, uma espécie de mascote da Académica, sempre pronto a ser gozado, que levava de bom gosto dois ou três pontapés no rabo a troco de outros tantos bolos de arroz. Naturalmente, para conquistar os favores da Academia, o Teixeira, que não era burro, ter-lhe-á prestado também múltiplos favores, nomeadamente, colaborando nas suas proverbiais chalaças e partidas. Conta-se que, certamente bem treinado, terá telefonado ao Reitor da Universidade

a pedir satisfações, aquando da crise de 69. E mais se conta que, havendo nos bailes do Casino da Figueira uma menina que só dançava com cavalheiros brasonados, o levaram ao Picalo, onde o trajaram a rigor, antes de o largarem na pista de dança, devidamente industriado; e a coisa resultou tão bem que, a determinada altura, lá vem o Teixeira de braço dado com a menina a caminho do bar e, ao cruzar-se com a maralha: – *Ó Tôr, dê-me aí uma coroa pra pagar um pirolito a esta menina!*



Teixeira, um Senhor respeitado

Foi este último episódio – verdadeiro ou mito, pouco importa – que escolhi para deixar o nome do Teixeira devidamente assinalado no livro *OS LYSÍADAS*, ao lado de outras quatro figuras de futricas humildes do século passado a quem a Academia de Coimbra muito ficou a dever: Picalo, Pirata, Senhor Chico e Formidável:

Logo à frente dos mais vinha o Teixeira,
Engraxador de toda a Academia,
Que um dia, no Casino da Figueira,
De fraque preto e calça fantasia,
Foi beber pirolito e bagaceira,
Dando o braço, cortês, à fidalguia.
Representava ali todos os mais
Das profissões chamadas liberais.

O Teixeira nasceu em Torres do Mondego, que na altura era ainda freguesia de Santo António dos Olivais,

em 9 de Setembro de 1926. Mas, ao contrário do que seria de supor, da sua Cédula Pessoal não constava o nome de Teixeira algum, mas sim o nome de Raúl dos Reis Carvalheira! De facto, "Teixeira" não era mais do que uma alcunha cuja origem tinha a ver com a sua aparência fisionómica com um interior esquerdo do Benfica – Teixeira de seu nome – que a malta odiava por ter deixado os dentes marcados na barriga do Faustino, *half-centro* da Académica, num jogo no Campo de Santa Cruz em meados da década de 40. As parecências foram descobertas num cortejo em que o Teixeira (ou melhor, o Raúl) apareceu equipado à Benfica e, a partir de então, passaram a chamar "Teixeira" ao Raúl.

Quanto ao verdadeiro Teixeira, o do Benfica – que por razões óbvias a Academia passou a alcunhar de "Cão" –, encontrei notícias dele no blogue *Glórias do Passado*. Aí se apresenta a sua extensa biografia, da qual extraí o seguinte: «O popular "Semilhas", "Gasogéneo" ou "Marreco" foi um dos mais emblemáticos e categorizados futebolistas portugueses da década de 40, essencialmente, envergando, com êxito, as cores do SL Benfica, do Vitória SC e também de Portugal, tornando-se mesmo, no primeiro jogador açoriano a representar as Selecção Nacional. Natural da Horta, Ilha do Faial, nos Açores, Joaquim Teixeira, o seu verdadeiro nome, nasceu no dia 18 de Março de 1917.» Era, portanto, quase dez anos mais velho do que o seu sócia.

Voltando ao nosso Teixeira – ou Teixerinha, como alguns antigos estudantes de Coimbra mais velhos, carinhosamente, por vezes o recordam –, a sua alcunha viria a evoluir mais tarde para "Taxeira", muito provavelmente, por corruptela de "Teixeira". Porém, no folheto referente ao descerramento da placa toponímica e dados biográficos da Reunião da Comissão de Toponímia de 15 de Maio de 2007 atribui-se a origem da alcunha "Taxeira" «à taxa que [o Raúl] se encarregava de cobrar através do apelo: "moedinha, ó sócio"».

Depoimentos que recolhi entre estudantes que passaram por Coimbra em várias épocas, sobre a questão "Teixeira vs Taxeira", podem resumir-se assim:

- Um depoimento credível (mas, infelizmente, único), depois de referir os incidentes no Campo de Santa Cruz, afirma que inicialmente a alcunha era "Taxeira", para não criar confusão com o Teixeira do Benfica;
- Mas, se assim foi, "Taxeira" rapidamente evoluiu para "Teixeira", pois que esta última foi a alcunha que se colou à pele do nosso homem durante quase cinco décadas;
- A alcunha "Taxeira" surgiu (ou voltou) apenas nos anos 80, tendo coexistido com "Teixeira" até esta última desaparecer de todo no início dos anos 90.



Joaquim Teixeira, jogador do Benfica

No final da vida, o Teixeira – ou Taxeira, consoante a geração a que cada um dos seus contemporâneos tenha pertencido – deixou de ter condições de saúde que lhe permitissem

viver sozinho, apesar de continuar a ser amparado pela Academia e pelos amigos mais próximos, pelo que foi acolhido na Casa do Pobres, ao Pátio da Inquisição, onde viria a falecer em 29 de Fevereiro de 2000.

Muitas foram as homenagens e manifestações de carinho que o Teixeira recebeu em vida. Mas também, depois da sua morte, houve o cuidado de que a sua memória fosse preservada. Destaco a vitrina que lhe foi dedicada no Museu Académico, com objectos pessoais e fotografias suas, e a rua a que foi atribuído o seu nome, Rua Raúl dos Reis Carvalheira, uma transversal à Rua de Aveiro, cuja placa toponímica foi descerrada em 12 de Janeiro de 2008, numa cerimónia cheia de significado.

Em 2008 o Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Coimbra editou o livro *Novos Topónimos Coimbra 2002-2008*, onde, a propósito do topónimo «Rua Raúl dos Reis Carvalheira. O "Taxeira" – Ardina» se lê: «Teve uma vivência simples, de um homem pobre, mas rico em dádivas à Académica e à cidade onde nasceu. Não sabia ler, mas escreveu uma página bonita na história afectiva de Coimbra.»



Placa toponímica

Uma frase merecida, que gostei de ver escrita. Porém, entristece-me que, na placa toponímica da rua que levou o seu nome, tenha ficado plasmada apenas a alcunha "Taxeira", a qual poderá dizer muito a quem passou por Coimbra durante as décadas de 1980 a 2000, mas nada diz a outras gerações que durante quase cinco décadas conviveram com o Teixeira.

II - DUQUESA DE PALMELA ESCULTORA E FILANTROPA

Por Luísa v. de Paiva Boléo



Duquesa de Palmela



D. Maria Luísa Domingas Eugénia Ana Filomena Josefa Antónia Francisca Xavier Sales de Borja de Assis Paula de Sousa e Holstein Beck, ou simplesmente D. Maria Luísa, 3ª duquesa de Palmela, nasceu em Lisboa no dia 4 de agosto de 1841.

Neta do 1º duque de Palmela, Maria Luísa nasceu em berço de ouro e teve uma esmerada educação. Até aos nove anos foi orientada por este avô que, para lá das matérias exigidas a qualquer menina da época lhe inculuiu o gosto pelas Artes. Teve ainda professores em casa a que se seguiu a partida para França onde estudou no Colégio do Sacré Coeur (em 1904 passou a Lycée Sacré Coeur), instituição de ensino para as elites europeias, ministrado por freiras mas com matérias vastas de cultura geral bem como visitas a museus, idas a concertos e convivência social. Conheceu grandes nomes da Pintura e Escultura como Renoir, de quem ficou amiga e trocou correspondência depois de regressar a Portugal. A sua inclinação para as artes não passou despercebida a seus pais Domingos de Sousa e Holstein, diplomata e à mãe Maria Luísa de Noronha e Sampaio. Neste sentido teve aulas de escultura com o muito famoso Anatole Calmels, francês que foi escultor da corte e que deixou mais rico o património nacional, de que destacamos obras como o grupo

escultória “A Glória coroando o Génio e o Valor”, no cimo do Arco da Rua Augusta, o frontão da Câmara Municipal de Lisboa, a estátua de D. Pedro IV na cidade do Porto e,

as mais conhecidas, e tantas vezes filmadas esculturas da entrada da Procuradoria Geral da República – “O Trabalho” e a “Força Moral”.

Foi na capela do Palácio Palmela (hoje Procuradoria-Geral da República) ao Rato que casou em 15 de Abril de 1863 Maria Luísa com António de Sampaio e Pina Brederode, visconde de Lançada, capitão da Guarda-Real dos Arqueiros, Par do Reino e, entre outros títulos, cavaleiro da Torre e Espada. Os padrinhos do casamento foram os monarcas D. Luís e D. Maria Pia, amigos dos noivos, sendo António de Sampaio, oficial da Marinha e amigo pessoal do rei.

Maria Luísa perdeu a mãe em 1861. O pai faleceu em 1864. Aos 24 anos ficou herdeira do título e de imenso património. Logo após o casamento o palácio Palmela recebeu enormes obras de restauro. A duquesa mandou construir um estúdio tipo *chalet* que ainda existe. Ali trabalhava rodeada do jardim que delineou.

Maria Luísa de Sousa Holstein organizava inúmeros encontros sociais, saraus, festas temáticas, bailes e jantares de

convívio no seu palácio, travando laços de amizade com alguns dos artistas mais respeitados da época, tais como as atrizes Sarah Bernhardt, Eleonora Duse, o pintor Columbano Bordalo Pinheiro, escritores como Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, o conde de Sabgosa, escritoras como Emília dos Santos Braga, Branca de Gonta Colaço e Olga de Moraes Sarmiento, Isabel de Lemos Saint-Léger (marquesa de Rio Maior), Josefa Brito do Rio (condessa de Ficalho) e muito especialmente Maria Amália Vaz de Carvalho que mais tarde escreverá a biografia do 1º duque de Palmela sob orientação da marquesa.

Em 1864 D. Maria Luísa foi mãe pela primeira vez em fevereiro de 1854. Helena Maria seria a 4ª duquesa.

Não sabemos quando D. Maria Luísa terá começado a esboçar as primeiras esculturas, sabemos sim que “Diógenes”, fundido em bronze foi exposto no Salon de Paris em 1884 e que “Santa Teresa” foi premiada no Salon de 1886.”

Expôs no Rio de Janeiro em 1908, pouco antes de falecer. “Sulamite” e “Fiat Lux” terão tido como modelos filhos de pessoal de casa dos pais.

À Sociedade de Geografia foi oferecida uma das mais reproduzidas das suas esculturas que homenageia o herói militar Sá da Bandeira (1795-1876), que atingido teve de amputar o braço direito nas lutas entre liberais e absolutistas.

AS COZINHAS ECONÓMICAS

A ideia de promover uma verdadeira instituição de caridade para obviar à pobreza que grassava nos bairros operários de Lisboa, terá sido motivo de conversas da marquesa com o seu círculo de amigos. Assim tomou a decisão de viajar pela Europa para ver como noutros países uma instituição particular de apoio a gente carenciada se poderia implementar em Portugal.

Assim D. Maria Luisa e Palmela parte para a Suíça e depois Reino Unido com o espírito de uma viagem de estudo. Apontava todos os pormenores e de regresso ao seu país contou com o apoio de muitos amigos e amigas, em especial da marquesa de Rio Maior coautora das Cozinhas Económicas

Feito o projecto era preciso equipamento, pessoal e espaços amplos nos bairros mais problemáticos, com uma população desenraizada das suas terras que rumara a Lisboa, então com grandes obras, mas com fracas estruturas de apoio.

Foi a própria duquesa quem do seu bolso mandou comprar as mesas, cadeiras, fogões, talheres e tudo o mais necessário para as depois chamadas Cozinhas Económicas.

Contou com as irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo que vieram de França e no dia 8 de Dezembro de 1893, dia santo na Igreja Católica, as portas abriram-se na Travessa do Forno aos Prazeres. Foram servidas refeições a centenas de pessoas e estava aberto o caminho para mais Cozinhas Económicas aos Anjos, Alcântara, Xabregas e na freguesia de São Mamede (ao Rato). A duquesa servia nos jardins da sua casa refeições às crianças. Mais tarde

ainda abriu mais uma Cozinha perto da Sé. As refeições eram diárias e contavam não só com as freiras como com muito voluntariado. Foi um acontecimento em Lisboa e o próprio rei Dom Carlos mandava para a confecção das refeições tanto peças de caça apanhadas em Mafra ou Vila Viçosa, num tempo em que era um desporto muito divulgado, como peixe que pescava no seu iate Amélia.

O seu lema «O SUPÉRFULO DOS RICOS É O PATRIMÓNIO DOS POBRES»

(EM DESTAQUE)

1ª Refeição

1 tigela de sopa de grão e arroz, bacalhau guisado, 200 gr de pão

2 decilitros de vinho (não incluído nos outros dias). Preço 90 réis.

Para angariar meios de manter as Cozinhas Económicas organizavam-se eventos como a célebre Batalha de Flores na Avenida, em 1899, e o Grande Arraial de 1900 coordenado pela duquesa de Palmela e pela filha D. Helena Maria foi o mais famoso. Qualquer iniciativa da duquesa era publicitado em todos os jornais e revistas da época.

A escritora Olga de Moraes Sarmento

nas suas memórias recorda a duquesa já nos últimos anos de vida nestes termos: «Impossível seria falar da sociedade de então sem anotar o nome da Duquesa de Palmela. Vi-a ainda algumas vezes já envelhecida com a cabeça sempre linda. Depois do regicídio, que aliás, precedeu de pouco a sua morte, recolheu-se em casa. Ela soubera ser no final do século passado e princípio deste quase uma rainha. Aliava a uma distinção incomparável uma bondade profunda e uma inteligência excepcional.»

Não vou abordar o imenso património da duquesa de Palmela, espalhado pelo país e o seu gosto pelos jardins. Em Cascais temos o lindíssimo Parque Palmela e do outro lado da linha um belo palacete onde vivem vários descendentes.

A duquesa de Palmela estava no Palácio das Necessidades quando se soube do regicídio em Fevereiro de 1908 e perguntou ao ministro João Franco

«Isto é o fim da monarquia?»

Profundamente abalada recolheu-se ao seu palácio. Faleceu em Sintra em 1909 e as cerimónias fúnebres revestiram-se de um autêntico funeral de Estado, onde gente de todas as classes económicas a choraram.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no 2º semestre de 2022 e 1º semestre de 2023:

- Sócio Nº 117 – Engº. João Júlio de Sousa Araújo
- Sócio Nº 152 – Engº. João António Brioso Pina de Jesus
- Sócia Nº 163 – Drª. Ana Maria Costa Pinto Mendes Martins
- Sócio Nº 257 – Engº. Paulo Miguel Falcão e Silva
- Sócio Nº 262 – Engº. Armando Moreira
- Sócio Nº 431 – Dr. Rafael Edmundo Herrero de Freitas Guimarães
- Sócio Nº 557 – Com. Fernando Miranda Gomes
- Sócio Nº 743 – Dr. Arménio Hall
- Sócio Nº 876 – Cons. Alberto Manuel Leal Sampaio da Nóvoa
- Sócia Nº 983 – Drª. Altina Ermelinda de Figueiredo Tavares Pedro
- Sócia Nº 1031 – Drª. Fernanda Lourdes Braz dos Santos
- Sócia Nº 1085 – Drª. Maria Graziela Pais Cortez Lencastre

Que descansem em Paz!

MENSAGEM DE AGRADECIMENTO DO GRUPO NABEIRO



Muitas são as palavras e os gestos de conforto e gratidão que nos têm chegado ao longo destes dias, em que todos nos unimos para homenagear Rui Nabeiro. **Obrigado, obrigado, obrigado!**

É a palavra que queremos deixar em nome da família Nabeiro e de toda a família Delta. Obrigado por todas as homenagens, uma avalanche de amor encheu-nos o coração e a alma.

Tem sido extraordinário testemunhar a enorme dimensão de quem tocou a vida de tantas pessoas, de uma forma verdadeiramente inspiradora e exemplar. Continuaremos a honrar um legado ímpar de trabalho e proximidade, que nos inspira todos os dias. Sempre será parte de nós.

GRUPO NABEIRO – DELTA CAFÉS

OS NOSSOS POETAS

Por Carlos Manuel Almeida Santos

FIGURINHA DE SAXE

*Figurinha de Saxe, debuxada
Com frescura e leveza de aguarela
Quando ela passa altiva, imperturbada
Fica-se ali suspenso, só de vê-la.*

*E quando a sua voz se eleva, alada,
E alma logo sem ficção revela
É um trisso d' oiro e de cristal que a nada
Se iguala, nem se ouviu senão a ela ...*

*Musa de Apolo, outrora, não me iludo
A prosa desses tempos bem condiz
Com o final da época de estudo*

*Consola-me antevê-la embaixatriz
Com seu talento harmonizando tudo
Em Londres, em Moscovo ou em Paris.*

REDONDILHA ALEGRE

*Como o teu olhar encanta
Como o teu andar ondula
Como a névoa se levanta
Ao ver-te chegar segura.*

*Funde-se da vida o gelo
Quando afago o teu cabelo.
Meus lábios beijam teu rosto
Vai-se do dia o desgosto.*

*Como o teu sorriso aquece
Como a tua voz anima
Como a minha mão estremece
Ao tocar tua pele fina*

AMARGURA

*Age com frenesim a juventude
Tendo em vista gerir o seu destino .
Ao tentar desenhá-lo não se ilude
Luta com dor, mas sem perder o tino.*

*Quando novo também assim lutei
Com firmeza, com fé e sem tardança
Mau grado desse modo conquistei
Só alguns dos meus sonhos de criança.*

*Agora pouco sonho . Já só resta
Uma bruma tão pálida e dispersa
A deixar ver ao longe o horizonte.*

*Horizonte que já não mostra nada
Para além duma curva numa estrada
A encobrir futuro lá defronte .*

VOLÚPIA

*Toquei-te de madrugada
Foi um êxtase profundo
Como se Já neste mundo
Não existisse mais nada.*

*Carícia tão prolongada
Um momento sem ter fim
Contigo dentro de mim
Numa volúpia calada.*

*Nada mais. Mundo deserto
Tu e eu, só eu e tu
Assim num mundo tão nú
Vimos beleza por perto.*

1 - EDUÍNO MONIZ DE JESUS

Por Maria João Ruivo, 18 de abril de 2023



A Câmara Municipal de Ponta Delgada promoveu uma Homenagem ao poeta Eduíno Moniz de Jesus em comemoração dos seus 95 anos, no Salão Nobre dos espaços do Concelho no dia 18 de Abril de 2023.

Solicitou a esta Associação uma breve mensagem (não mais de 1 minuto) a dar o testemunho e contributo para um pequeno documentário/filme. Em satisfação, esta Direcção escreveu: Eduíno de Jesus é Sócio da AAEL desde 1994 e Assessor Cultural da Direcção desde 2001.

Usou a sua vasta sabedoria a enriquecer a nossa vivência Associativa, através de palestras sobre efemérides, temas literários e livros de sua autoria; chamou para seu lado, nos nossos palcos, figuras proeminentes do Mundo cultural e artístico e “apadriñou” Protocolo de Colaboração com a Casa dos Açores em Lisboa.

A sua postura, simples e despretenso-

sa mas majestática, valeu-lhe entre os amigos o título de *Dom Eduíno*. Aqui o vemos junto de uma lápide com um poema seu na Penedo da Saudade, Coimbra, a coroar a homenagem que esta Associação ajudou a promover em 2010 e que perdurará nos anais académicos com justo merecimento. FRA, Eduíno, Bem Haja!

Homenagem ao Eduíno de Jesus Câmara Municipal de Ponta Delgada 18 de abril, 2023

Mais uma vez, a Câmara Municipal de Ponta Delgada decidiu homenagear o Eduíno de Jesus, depois de, em 2009, lhe ter prestado a mais alta homenagem, com a entrega da chave de ouro da cidade e a inauguração de uma Rua com o seu nome, na freguesia dos Arrifes, onde nasceu.

Desta vez, foi uma homenagem mais intimista, mas, de certo modo, não menos significativa, já que foi a ce-

lebração dos seus 95 anos de idade e mais de 70 de carreira literária.

O presidente da Câmara começou por receber-nos no seu gabinete para uma conversa com o homenageado. Entre outras coisas, perguntou-lhe que projetos de escrita tinha entre mãos e mostrou uma sincera admiração por ele.

A sessão teve lugar no Salão Nobre. Na mesa, a acompanhar o Eduíno de Jesus, estavam o presidente da Câmara, Dr. Pedro Nascimento Cabral, e o Vereador da Cultura,

Dr. Sérgio Rezendes. Aberta a sessão, foi projetado um pequeno documentário com fotografias e uma série de breves testemunhos, em vídeo, de amigos, antigos alunos e escritores conhecidos. Também marcaram presença os testemunhos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e da Casa dos Açores de Lisboa. Em seguida, houve um momento de poesia do Eduíno, por amigos dele - o Sidónio Bettencourt, o Dr. Arménio Santos, a Eleonora Marino Duarte - e por alunos meus, da Escola Secundária Antero de Quental.

Após estes dois momentos, teve palavra o homenageado, que fez um breve agradecimento. Com a sua conhecida graça e a elegância de sempre, disse que essa homenagem se devia à sua idade, com a qual todos ficavam admirados, principalmente ele próprio.

O presidente da Câmara encerrou a sessão destacando o “imprescindível contributo” de Eduíno de Jesus na cultura e literatura açoriana e portuguesa. E cito: “Homenagear Eduíno de Jesus e uma carreira decana que se confunde com a sua própria vida é distinguir um eterno defensor dos Açores e da escrita açoriana que, em forma e conteúdos próprios, enrique-



Ilustrações da Câmara Municipal de Ponta Delgada

ce a língua mãe. O seu percurso de vida marcante deve ser reconhecido e divulgado e, por isso, estamos aqui hoje.”

O autarca destacou Eduíno de Jesus como um dos principais protagonistas de uma geração de referência que se perpetua no tempo e afirmou ainda que Eduíno de Jesus “faz parte da galeria dos grandes açorianos que acrescentam valor a Ponta Delgada e aos Açores, no país e no mundo”.

Finalmente, foi servido um “abafado de honra”, o que permitiu um convívio mais informal entre todos.

Foi bom ver o Eduíno naquela sala, mais uma vez a ser reconhecido pela terra onde nasceu. Todos sabemos do seu merecimento e da sua generosidade com todos nós. Aliás, os testemunhos provam bem o quanto as pessoas gostam dele, o



Também a Universidade de Ponta Delgada homenageou Eduíno Moniz de Jesus pela voz da Prof. Doutora Rosa Goulart

respeitam, o admiram e lhe agradecem a forma generosa como ele dialoga com todos, passando o imenso conhecimento que, ao longo da vida, foi acumulando. Foi bom, igualmente, ver um grupo de

jovens dar voz às palavras do Poeta, pois ler e divulgar a obra de um escritor é a melhor homenagem que se lhe pode prestar. Parabéns e vida longa ao Eduíno de Jesus!

11 – JORGE LOPO TUNA

Por Jorge Lopo Tuna

A MINHA RELAÇÃO COM A GUITARRA DE COIMBRA BREVE TESTEMUNHO DE UM MÉDICO POR VOCAÇÃO E GUITARRISTA POR AMOR À MÚSICA E À TERRA ONDE NASCEU

Seria estultícia da minha parte iniciar esta curta participação no nosso Livro de Curso por qualquer dissertação sobre a história da Guitarra Portuguesa,

e particularmente da Guitarra de Coimbra. Tudo o que há para ser dito está escrito. Lacunas certamente que as há, mas não sei preenchê-las.

José Régio, no seu poema “BALADA DE COIMBRA”, sintetiza de forma magistral o seu e o meu entender da nossa guitarra:

...
 “Ai choro com que o Paredes,
 Vibrando os dedos em garra,
 Despedaçava a guitarra,
 Punha os bordões a estalar,
 Gritos de cristal e de oiro
 Que o Bettencourt alto erguia,
 Que é da roda que algum dia
 Vos sabia acompanhar...?”

(in “FADO”, José Régio, Portugalia Editora, Lisboa. Novembro de 1957)

Pois foi por essa guitarra que José Régio cantou que eu me encantei quando era um jovem estudante e o sonho tudo tornava possível.

Dizem que o ADN da minha guitarra estaria no ter nascido em Coimbra. Será isso verdade? Sinceramente que se fosse posto perante essa pergunta não saberia responder. É certo que desde miúdo os sons encantatórios da guitarra, dedilhada por um Júlia Ribeiro, um António Portugal ou um António Brojo, me foram fascinando a ponto de nos últimos anos do liceu sentir que aquele instrumento viria a fazer parte da minha vida. Ah!... quantas horas e horas roubadas à Medicina para, na intimidade do meu quarto, na Rua do Brasil, estudar, em grande solidão, as gravações dos discos de 78 rotações com as variações de Artur Paredes e Afonso de Sousa. Vir a tocar assim transformou-se num dos desígnios da minha vida até hoje claramente incumprido.

Quando recordo esses tempos maravilhosos, lembro-me do prodígio que via em Artur Paredes, quando a mim não superado pelo gentil filho Carlos. É a Carlos Paredes que se deve, no entanto, a universalização da guitarra que transformou em instrumento de concreto... e símbolo de portugalidade.

Depois veio a construção – porque de verdadeira construção se tratou – do nosso Grupo de Guitarras que, no dizer de alguns, “explodiu” por finais da década de 50. Toquei lado a lado

com guitarras como Lopes de Almeida. O saudoso Jorge Godinho e violas como Durval Moreirinhas – meu companheiro desde sempre, e certamente quem mais me ajudou a ser o guitarrista que sou – José Tito Mackay, Humberto Matias... Não foram muitos mais. Nessa fase de estudante havia limitações de tempo que não me permitiam grande dispersão, já que a minha vida estava centrada na Medicina. O aconchego da casa paterna ajudou-me muito.

Nos discos que gravámos divulguei já originais nossos e tenho hoje consciência perfeita de que se não tivesse sido assim não teria saído da banalidade de umas interpretações mais ou menos toscas das peças dos grandes guitarristas que nos precederam. Em nada estou mais eu do que na música que faço ou interpreto: ternura, amor, alegria de viver, força, busca da perfeição... Está lá tudo. A transparência é total... Quem me quiser conhecer que me ouça... Estou a nól!

Depois foi a guerra de África e lá fui de guitarra para Angola. Eu e a minha arma... E o meu Comandante da Batalhão bem que me obrigou a fazer uso dela nas “bonançosas” noites de Bessa Monteiro...

Seguiram-se o casamento, os filhos, Lisboa, o Hospital de Santa Maria, Faculdade de Medicina, e uma extraordinária coincidência: o Durval veio viver para Lisboa e, seguindo timidamente o exemplo de Carlos Paredes e Fernando Alvim, estabelecemos uma parceria que graças a Deus dura até hoje. Mas afinal, sem querer nem poder acrescentar nada ao que outros escreveram, que instrumento é essa guitarra de Coimbra?... Citando Lambertini? Podemos admitir que a Guitarra Portuguesa é aparentada ao cístre europeu, cuja execução era frequente entre os ingleses na segunda metade do séc. XVIII, tendo mesmo sido chamada “Guitarra Inglesa”.

Aquilo que eu posso dizer, de vivência própria, é que hoje se fabricam em Portugal belíssimas guitarras. Tenho

quatro guitarras, todas fruto dos saberes da célebre família Grácio: o Kim, o João Pedro e o Gilberto. Que refinaram o fabrico dos seus instrumentos em conjunto com Artur e Carlos Paredes é do conhecimento de todos. É também graças à excelência dessa Família – não ignorando que há hoje em Portugal outros fabricantes de cordofones – que a Guitarra de Coimbra pelas mãos dos mais novos vai continuando a trilhar o seu caminho como instrumento de uma música que é parte da identidade da nossa Universidade, música essa que porventura atravessa uma fase de reflexão à procura de novos rumos...

Não posso terminar essas breves palavras sobre o encanto que sinto pela guitarra sem referir um amor maior, o que sinto pela Manuela, minha Mulher, que tem sido o verdadeiro esteio da minha música. “Não achas que seria melhor assim?...” “Essa passagem está muito bem...” “Essa não gosto...” “Jorge, olha os vizinhos, toca mais baixo...” “O Durval não acha que se devia incluir a Toada Alfacinha no próximo disco? Eu acho-a o máximo...” “Mais devagar...” É com frases destas como música de fundo que vamos continuando a construir qualquer coisa em que acreditamos!...

1. Considero um privilégio – muito para além do que mereço – estar incluído neste livro um capítulo sobre mim, em que Jorge Cravo teve a extrema gentileza de falar sobre a minha guitarra
2. Isabel Cruz Almeida; “Guitarra Portuguesa na Torre de Belém” in “As histórias que a guitarra conta”. Instituto Português do Património Cultural / Unisys – Novembro 1987.

(Texto extraído do livro do nosso Curso, comemorativo dos 50 anos de formatura (29 de maio de 2010), “O Tempo de Mão em Mão”.

I – ESTUDANTINA UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA NOS AÇORES

Por Jorge Fernandes



A Estudantina Universitária de Coimbra cumpriu, uma vez mais, com a missão de espalhar a sua alegria e a Canção de Coimbra pelo mundo fora.

Desta vez regressámos, à magnífica cidade de Ponta Delgada, a convite dos Tunídeos, para participar no XXII El Açor - Festival Internacional de Tunas, donde além de muito convívio, trouxemos o prémio de

melhor instrumental.

Foi uma viagem muito especial, porque contámos com a companhia, a alegria e o enorme espírito “Estudantínico” dos nossos “velhos”, alguns deles até fundadores do grupo. Foi uma grande festa para todos. Como não poderia deixar de ser, aproveitámos também para passear pela belíssima Ilha de São Miguel e alguns conhecerem as

furnas, lagoas, cascatas e a belíssima gastronomia desse pedaço de paraíso conhecido por “Ilha Verde”.

Foram uns dias de muita música pelas ruas e esplanadas de Ponta Delgada, pode dizer-se que a Estudantina não parou de tocar... Agradecemos à Câmara Municipal de Ponta Delgada que tão simpaticamente nos acolheu e cedeu algumas fotos.

II – QUO VADIS ACADÉMICA? BRIOSA SEMPRE!

Por Joaquim Couto, presidente da Casa da Académica em Lisboa

A Associação Académica de Coimbra/ Organismo Autónomo de Futebol - a NOSSA Académica - está a passar por graves dificuldades e indefinições e o seu futuro motiva justificadas apreensões.

Clube com história, admirado e respeitado, milita presentemente na modesta Liga 3, lutando pela sobrevivência!

Quem estudou, passou ou nasceu em Coimbra nutre pela Académica um carinho especial. Uma estima!

A Académica sempre foi um símbolo, uma causa que uniu e mobilizou gerações de estudantes ao longo dos tempos, toda uma Cidade e as suas gentes!

Recorde-se os tempos históricos! As conquistas e os troféus! O estádio cheio a gritar pela Briosa! As capas a esvoaçarem e os cânticos a puxarem apaixonadamente pelos jogadores! Briooooosaa!!! Uma mística que preenchia e unia toda a Academia

e a Cidade em celebrações e vivências que tornaram Coimbra ímpar, referência no panorama desportivo nacional e além-fronteiras!

A Académica era um clube diferente, uma marca distintiva com valores e cultural! Uma Instituição!

Admirada e respeitada no panorama desportivo nacional, gozava de forte simpatia junto dos clubes e dos amantes do desporto em geral, contando adeptos e simpatizantes em todo o território nacional, nas ex-colónias e nos quatro cantos do mundo.

A Académica é sem dúvida um caso de estudo, um clube com uma vasta e rica história, uma referência e um património que tem de ser defendido e preservado!

Entretanto, como é sabido, o panorama desportivo nacional sofreu profundas alterações. Os clubes tornaram-se entidades

complexas, marcas apetecidas para grandes negócios e negociatas, uma nova lógica em que os interesses dos clubes nem sempre prevalecem e são defendidos.

Devido talvez ao peso da sua matriz, a Académica não soube enfrentar estes novos e exigentes desafios e dinâmicas e mantê-se sem ousadia e ambição como que narcotizada pelo seu brilhante histórico. Somando debilidades e indefinições, acabou por ser vítima de razões estruturais e conjunturais que ditaram inexoravelmente o insucesso competitivo e acabaram por mergulhara a Briosa numa profunda crise desportiva e financeira agravada ainda mais pela sua crescente perda de identidade!

A Académica terá de se reinventar! Não será, nunca, o mundo a adaptar-se a nós! Temos de saber arrumar a nossa casa, ir ao encontro dessa nova realidade, do novo

jogo, não ignorando as suas regras, mas não traíndo nunca os interesses e os direitos inalienáveis da nossa Instituição.

A gravidade da situação exige unidade, esforço e o concurso de todos num debate alargado em que se trace o perfil e o modelo de gestão da Académica do futuro.

Importa trazer de novo, urgentemente, a Académica ao escalão principal do futebol nacional - a sua Casa!

Os sócios terão de ser chamados a pronunciar-se para darem poderes de negociação à direção. SEDUC? SAD?

O atual modelo de gestão de SDUC da Académica deverá ser alterado para garantir a sua sustentabilidade no futuro? Uma gestão em parceria garante

melhor os interesses da Académica? Que modelo de parceria?

Todos ganhamos mais em perceber os prós e os contras sobre o modelo de gestão possível.

O modelo SDUQ, como temos, não parece compatível com a situação dramática que a Académica vive e não parece possibilitar os recursos financeiros e humanos de que a Académica necessita de imediato.

Defendo que a Académica deve ter um parceiro minoritário que traga dinheiro e know-how, constituindo-se uma minoria musculada no executivo da SAD, acompanhando a gestão do clube e os interesses legítimos das partes.

Com estas premissas que defendo,

um investidor credível é bem-vindo à Académica! Uma relação digna, reciprocamente vantajosa em que se salvaguarde os interesses da Instituição e lhe transmita ambição, meios financeiros e se reponha a Académica no lugar que a sua história, os sócios e simpatizantes bem merecem e reclamam!

Para se dirigir a Académica continua a ser essencial a paixão e o amor à Académica e uma gestão que prima pela competência e pela capacidade de liderança, criando estabilidade aos atletas e aos sócios e respeito aos adversários.

A ACADÉMICA terá de ser sempre uma paixão e um vício!

III - A REINVENÇÃO DO HUMANO

SALA DE CONVÍVIO DO LOTE 398
FUNDADA EM 1976

A REINVENÇÃO DO HUMANO

No mundo em que vivemos facilmente nos alimentamos com o sangue dos outros sem precisarmos de ser vampiros. A Ordem está a ser guiada pelo Caos e o Caos é a negação da Ordem, embora haja quem veja nele a verdadeira essência do Caos do mundo. A verdade é, porém, outra: o Caos é a mais absoluta expressão do desequilíbrio cósmico e da desinteligência; esta última disfarçada com a máscara de uma falsa inocência; uma inocência há muito reclamada pela consciência universal devido à crença generalizada da necessidade de uma nova conquista do Paraíso Perdido. O Paraíso, porém, perdeu-se há muito na memória bíblica e, por esse motivo, a inocência do mundo também está definitivamente perdida. O único caminho aceitável para recuperar alguma dessa inocência perdida encontra-se no interior do próprio homem do homem enquanto unidade singular e enquanto ser social; aquele que vive em comunhão e em paz com os outros sem necessitar de lhes beber o sangue. O homem contemporâneo gosta de histórias de vampiros, mas não gostaria de ser um deles. Mas transforma-se em vampiro sempre que as circunstâncias lho permitam: basta uma pequena fresta na porta para prevaricar e pôr em risco, não apenas a sua própria humanidade, mas também a humanidade inteira. Uma só pessoa bastaria para que o Caos se instalasse: a Ordem ficaria destruída; a Ética passaria a ser uma tênue sombra na memória do mundo. Impede-se a reaprendizagem do humano de modo a que todos nos possamos entender e respeitar, restabelecendo; assim, a Ordem da Inteligência. Será esse o papel fulcral da Cidadania: uma Cidadania para sempre renovada que poderá restaurar os valores do Bem, da Beleza e da Verdade; os caminhos que conduzem à tão procurada "felicidade", fim último e último fim de todo o ser humano."

JOSE FERNANDO TAVARES
(Ensaísta, Docente do Instituto Piaget)

Rua Vila de Cató, Lote 398 Cave
1800-148 LISBOA
Email: scomviviotc398@gmail.com

- (Cedência por intervenção do nosso Associado Fernando Murta Rebelo, Director da sala de convívio).

CÁ DENTRO

PASSEIO DO OUTONO ROTA DOS ESCRITORES COM VOUGUINHA E MOLICEIRO

DE 13 A 16 DE OUTUBRO DE 2022

Por José Afonso Leitão



Entre os dias 13 a 16 de Outubro de 2022 realizou-se o Passeio de Outono à zona Centro denominado “**Rota dos Escritores com Vouguinha e Moliceiro**”, organizado pela AAACL- Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

A viagem iniciou-se às 9 horas atrás da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa. Após uma paragem na Área de Serviço de Aveiras da A-1 para breve descanso e o habitual

cafezinho, seguimos viagem até **Azinhaga do Ribatejo**, terra natal de José Saramago (em 2022 celebraram-se os 100 anos do seu nascimento!) para visitar a **Casa Museu** e sede da **Fundação José Saramago**. A vila tem renovados espaços em sua memória. Procedeu-se à leitura e comentários sobre trechos da sua obra, nomeadamente do livro “Pequenas Memórias”, tendo sido muito apreciada a sua estátua em pedra, na parte exterior,

sentado com um livro na mão. Logo nessa altura alguns dos participantes não perderam a oportunidade de se sentarem ao lado do escritor.

A viagem prosseguiu até Condeixa-a-Nova para almoçar no Restaurante “Conversa Fidalga”.

Depois do almoço chegámos a **Condeixa**, terra natal de Fernando Namora para uma visita à **Casa Museu** que tem o seu nome. Aí ouvimos trechos e comentários de algu-

mas das suas obras, nomeadamente “Retalhos da Vida de Um Médico”, e “Domingo à tarde”, entre outros).

A viagem prosseguiu até Aveiro para uma visita ao **Museu de Arte Nova**, tendo-se seguido o jantar e alojamento no Hotel As Américas.

No segundo dia, 14 de Outubro, viajámos até à Quinta do Marinheiro na localidade e freguesia de **Avanca**, concelho de Estarreja, para uma visita à **Casa Museu Egas Moniz**, também designada “**Casa do Marinheiro**”. A “Casa do Marinheiro” agora transformada em Casa Museu Egas Moniz, foi o local onde haviam nascido os seus antepassados e nela nasceu o Professor Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina em 1949 pelos seus excelso trabalhos sobre a Angiografia e Leucotomia Pré-Frontal. O edifício conserva um ambiente de muito bom gosto, despertando em sugestiva evocação a individualidade relevante que nela passava grandes temporadas e onde em cada pormenor deixou expressos os seus gostos e as suas predileções. Dos tectos em caixotão com apainelados, ao mobiliário de estilo D. José, D. João V, D. Maria, Luís XVI, Império, Holandês e Charão, às peças de Porcelana da Companhia das Índias, Cantão, Saxe, Sevres, Porcelanas e Faianças antigas portuguesas, às pinturas (com obras representativas da pintura portuguesa de Carlos Reis, João Reis, Falcão Trigoso, Eduarda Lapa, Silva Porto, Henrique Medina, José Malhã, Abel Salazar, entre outros), às gravuras, esculturas, desenho e peças de vidro (com espécies de vidro e cristais portugueses da fábrica da Vista Alegre e Marinha Grande e cristais de Bacará), de ourivesaria e tapeçaria, como que reencontramos espiritualmente com o eminente cientista, analisando-o, numa perspetiva um pouco diferente, na sua intimidade.

Para além da Casa Museu, Egas Moniz



está directamente ligado ao aparecimento da primeira fábrica de leite em pó em Portugal. Com efeito, foi no lugar de Pensal (mais tarde Pensal foi o nome dado a um produto da Nestlé), freguesia de Avanca, que há 100 anos, no dia 10 de Março de 1923, nasceu a Sociedade de Produtos Lácteos, Lda, fundada por Egas Moniz, Rudolf Leipold e mais 48 sócios, que mais tarde viria a dar lugar à Nestlé Portugal.

A seguir, dirigimo-nos a **Ossela**, localidade e freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis, para uma visita à **Casa-Museu Ferreira de Castro**. **Ossela** é a terra natal do escritor Ferreira de Castro. Há quem afirme que Ossela é uma das mais antigas freguesias de Portugal, sendo já paróquia no tempo dos godos. Mas de onde lhe veio exactamente o nome ainda não se sabe ao certo. Há mesmo quem assevere que foi uma cidade, com o nome de Ossa, dado pelos gregos, seus fundadores. Na Casa-Museu tivemos a oportunidade de ouvir alguns comentários sobre a sua vida e obra, nomeadamente sobre a

“A Selva”, e a “A Lã e a Neve”, entre outros.

Após a visita seguimos para **Ovar** para um almoço no Restaurante “Quinta Frango de Paris”.

Da parte da tarde, visitámos em **Ovar** o **Museu de Ovar** e a **Casa Museu Júlio Dinis**. Aqui, tivemos a oportunidade de ouvir alguns comentários sobre a vida e obra de Júlio Dinis, nomeadamente “Uma família Inglesa”, “A Morgadinha dos Canaviais”, Os Fidalgos da Casa Mourisca”.

Após a visita, foi o regresso ao Hotel As Américas para jantar e alojamento.

No terceiro dia, após o pequeno-almoço no hotel, fizemos uma visita em Aveiro, à **Oficina do Doce**. Neste estabelecimento tivemos a oportunidade de conhecer toda a envolvente histórica associada aos Ovos Moles e a outros tantos doces conventuais da região de Aveiro, nomeadamente da Tarte de Amêndoa, do Pão de Ló Conventual e das Raivas de Aveiro. E, igualmente, pudemos ver, ao vivo, a forma de fabrico mais tradicional dos Ovos Moles.

Após o almoço em Aveiro no



Restaurante Adamastor, fomos à estação da CP de Aveiro para apanhar o **Combóio Histórico do Vouga**, carinhosamente conhecido como o **Vouguinha**.

O **Vouguinha** circula entre Aveiro e Macinhata do Vouga, aos sábados, entre Junho e Outubro.

Com 5 carruagens dos primeiros anos do século XX rebocadas por uma locomotiva a diesel, o comboio utiliza a única linha de via estreita em operação em Portugal, com apenas 1 metro entre os carris. Em Macinhata do Vouga visitámos o Museu Ferroviário e tivemos uma sessão de animação musical na estação com um grupo de música e cantares tradicionais da região e mostra de produtos regionais.

No regresso, embarcados de novo no comboio, saímos em Águeda com visita guiada ao centro histórico da

cidade, zona ribeirinha e várias zonas de comércio tradicional. Chegamos a Aveiro ao fim da tarde, tivemos ainda a oportunidade de visitar a **Barra de Aveiro** e a **Costa Nova**. Seguiu-se o regresso ao Hotel As Américas para jantar e dormir.

Iniciado o regresso, tivemos ainda a oportunidade de visitar a **Igreja de Válega**, também conhecida como a **“Capela Sistina Portuguesa”**, situada no concelho de Ovar. Trata-se de uma verdadeira obra-prima da arte da pintura em azulejo e uma das mais impressionantes igrejas em Portugal. As obras de construção desta impressionante igreja começaram no século XVIII, em 1756 e prolongaram-se por mais de um século. Entre 1923 e 1958, realizaram-se trabalhos de conservação. E entre 1959 e 1960 foi revestida com azulejos policromos da Aleluia Cerâmicas (Fábrica Aleluia) a fachada principal, as paredes interiores da nave e a parte superior do arco triunfal.

No último dia, após o *check-out* no hotel, fizemos um **Passeio de Moliceiro na Ria de Aveiro** com visita ao **Museu da antiga fábrica da COMUR** (conserveira da Murtoosa) e uma caminhada nas margens piscatórias.

Seguiu-se o almoço regional na **Murtoosa** tendo a generalidade dos participantes apreciado muito, entre outros, os vários pratos de enguias -



fritas ou ensopado – que nos foram servidos.

Em 1975 teve lugar o revestimento dos alçados laterais e posterior com azulejos da Aleluia Cerâmicas desenhados pelo arquitecto Januário Godinho. Ao pôr-do-sol, a fachada da igreja, virada para poente, é particularmente bela; banhada pelos raios de sol é um verdadeiro templo dourado que brilha com os seus fantásticos azulejos de múltiplas cores. Pelo caminho, fomos enganando o tempo e o cansaço com as conversas e conhecimento dos nossos Colegas vizinhos no autocarro e as intervenções animadas de outros que foram contando histórias ou anedotas.

E pronto! Chegamos a Lisboa, foram as despedidas, a troca de alguns contactos e ... os projectos de futuros convívios.

Até ao próximo!!!

SÓCIOS ADMITIDOS

Em 2022 (de Julho a Dezembro) e em 2023 (Janeiro a Junho) foram:

- Dr^a. Nimet Guiga – Sócia nº 1386
- Dr^a. Ana Paula da Silva dos Santos – Sócia nº 1387
- Dr. Manuel Dias Loureiro – Sócio nº 1388
- Dr. José Manuel Saraiva – Sócio nº 1389
- Dr. José António Proença – Sócio nº 1390
- Dr^a. Inês Maria da Fonte Falcão – Sócia nº 1391
- Dr^a. Carla Jorge da Costa – Sócia nº 1392
- Dr. Paulo Jorge Mousaco da Costa – Sócio nº 1393
- Dr^a. Teresa Leonor R.C.M. Morgado – Sócia nº 1394
- Eng^o. Joaquim Manuel Santos Morgado – Sócio nº 1395
- Eng^o. José Paulo Gomes Linhares Duarte Carrilho – Sócio 1396
- Dr. Raul Luís de Vilhena Soares Nobre – Sócio 1397



A VOZ DA FILANTRÓPICA

A presença junto de quem sofreu uma perda ou se encontra em situação de saúde debilitada tem constituído um objectivo no âmbito desta acção Filantrópica, sempre que conhecidas.

Em alegria partilhada, os “Parabéns a Você” continuam a merecer respostas de gratidão de quem os recebe, agora por via electrónica ou via postal, acompanhados de um telefonema pessoal, no próprio dia, pela voz da presidente da Direcção.

Como sempre, a Filantrópica promoveu convívios adequados às épocas mais assinaláveis:

1 - ALMOÇO DE NATAL

Esta quadra natalícia congrega todos os ânimos num abraço traduzido também numa dádiva dos talentos que integraram um programa a gosto dos 92 participantes de várias gerações:

A abrir o nosso **Grupo Coral Ad-Hoc** com belas canções de Natal que todos entoaram; a **Poesia** pela voz de José Veloso, que leu este poema da autoria de João Bento Soares

Viver o Natal

Vou viver um Natal de cada vez,
Como sendo o primeiro de criança,
E reter, em meu peito, a esperança
Posta nos sonhos que, em meus olhos, lês.

O calor do Natal e da lareira,
Co'a família juntinha à minha beira
São faúlhas no ar, lavando a alma...

Noite que, por magia, em mim refez
O amor, a viver sem mais tardança...
Sob um manto de Luz e de Bonança
Se esconde o Menino, em sua nudez.

Quisera eternizar este momento
Agarrado ao mais puro chamamento
De Jesus, que nos ama e nos acalma.



No final, a **Serenata de Coimbra** pelo sempre presente **Grupo Serenata ao Luar**, todo envolto em pequenas surpresas e, sobretudo, bendito por um espírito de solidariedade que estimulou desejar um melhor ano – 2023 – em conjunto! Aleluia!

2 - CHÁ DOS REIS

Esse espírito natalício perdurou nos 24 convivas na Sede, com intervenções espontâneas adoçadas pelas iguarias próprias da ocasião.

3 - CHÁ DA PRIMAVERA

A saudar esta estação amena, com o mesmo enquadramento caseiro e com participação activa de 21 convivas em “conforto da alma e do corpo”.

01.

JANTAR DE GERAÇÕES

Foi com grande satisfação que, em Setembro, demos reinício às actividades no jantar na "A Valenciana" com 33 participantes da ala "menos jovem" e 50 da ala "mais jovem". Concretizou-se, pois, o objectivo de juntar gerações, agora com maior expressão visando a continuidade desta vivência associativa.

Em conjunto, o *Grupo Serenata ao Luar* e outros elementos dos *Madre Christo* foram os motores da aimação, seguidos por todos os presentes, sobretudo nos Parabéns aos aniversariantes desse mês. ESPERANÇA!

02.

FOLIA DE CARNAVAL

Em parceria com o Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça, 45 foliões beneficiaram de uma inovação deste convívio único no "Restaurante Clara Jardim": à luz do dia (almoço), com a possibilidade de descontração no jardim de inverno e de animação com música ao vivo para dançar; tudo isto adornado com as habituais brincadeiras carnavalescas.

Também foram contemplados os aniversariantes de Fevereiro.



03.

MAGUSTO DE S. MARTINHO

No dia que Ihe é dedicado, 25 convivas juntaram-se na Sede para o festejarem e saborearem os petiscos próprios desta época outonal.

04.

JANTAR MENSAL

De novo a Primavera mereceu a realização de mais um evento, em Maio no mesmo local histórico "A Valenciana", onde 30 Assosociados e Amigos conviveram e ouviram, sempre encantados, a Serenata de Coimbra pelo *Grupo Serenata ao Luar*.

05.

VISITA LOCAL

No 2º semestre de 2022 realizou-se 1 visita:

- Realizou-se 1 visita local sobre rodas (Tuk Tuk) ao Chiado e Bairro Alto. Passeio pelo bairro chique do Chiado. Visitámos

as ruas do boémio Bairro Alto e apreciamos a vista do mirante de São Pedro de Alcântara enquanto saboreamos uma bebida.

06.

A FESTA DOS SANTOS POPULARES DE GERAÇÕES / DANÇANTE



A chamada “cereja em cima do bolo” – aqui “sardinha no prato” – surgiu e impôs-se como o mais expressivo **Encontro de Gerações** em marcha, assim descrito pelos seus mentor/organizador (José Pedro Barbosa, Vogal do Conselho Fiscal, e Ricardo Roque, presidente da Mesa da Assembleia-Geral): “A Voz do Operário foi palco, no dia 25 de junho, de um animado arraial de gerações da nossa Associação, sob o mote de “ Noite de São João com manjerico na mão”. A boa

disposição reinou entre os 85 convivas e a festa foi iniciada com um Moscatel de honra aos Santos Populares e à AAECL, tendo as hostilidades gastronómicas sido declaradas abertas com chouriço na brasa, o caldo verde, a bela da sardinha assada como manda a tradição, a bifana no pão com batata frita para aconchegar o estômago, o docinho do arroz com algumas calorias e, como não podia deixar de ser, tudo acompanhado da sangria, vinho tinto e cerveja. Como em

festa de São João deve dançar-se com o pé que está mais à mão, não faltou quem pulasse e dançasse ao som das marchas de Lisboa e não faltou a inspiração no tradicional concurso de quadras. O júri (composto por Dr^a. Helena Cunha, Dr. José Proença e Dr^a. Laura Dionísio) teve muita dificuldade em escolher perante a qualidade de dezenas de quadras, mas não deixou de decidir. Aqui ficam, para memória futura, as três primeiras classificadas:

1º prémio

Grande alegria a minha
Na noite de S. João
Mato saudades de Coimbra
Com um manjerico na mão



Henrique Gomes

2º prémio

O que pode ser melhor
Na noite de São João
Do que estar com meu amor
Com o manjerico na mão



Fernando Soares da Costa

3º prémio

Festa rija e fantasia
Na noite de São João
Entre amigos e alegria
Com manjerico na mão



Fátima Gomes

E assim se cumpriu a tradição da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa de, juntando várias gerações, comemorar os Santos Populares. Até para o ano!”

07.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

Sempre que possível, correspondemos aos convites para celebrações e actos mais significativos formulados, entre outros, por:

◆ **Universidade de Coimbra** – Magnífico Reitor, Vice-Reitor Prof. Doutor João Calvão da Silva e Capelania.

◆ **Associação Académica de Coimbra** – Direcção-Geral, Secção de Fado e Organismos Autónomos.

◆ **Associações de Antigos Estudantes de Coimbra**: Em Braga, no Porto, em Coimbra e no Algarve.

◆ **Instituições Protocoladas com a AAECL**: Casa da Académica em Lisboa, Casa dos Açores em Lisboa, Casa de Goa em Lisboa e Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça.



Julho a Dezembro de 2022
Janeiro a Junho de 2023

Nº 58 • 3ª SÉRIE

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos
Estudantes de Coimbra em Lisboa
Instituição de Utilidade Pública
Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º
1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97

TELEM: 964 167 581

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Anual

TIRAGEM: 600 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS
SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

ABERTURA

A Sede dispõe de um salão com 50 m² aberto a sessões promovidas por instituições e/ou grupos empresariais ou culturais, mediante acordo caso a caso.

PATROCÍNIO

O Capa e Batina dispõe de espaços para divulgação/anúncio com logotipos de instituições ou empresas, visando o patrocínio da AAEC (em especial para a Tomada da Bastilha – 26 de Novembro de 2022).